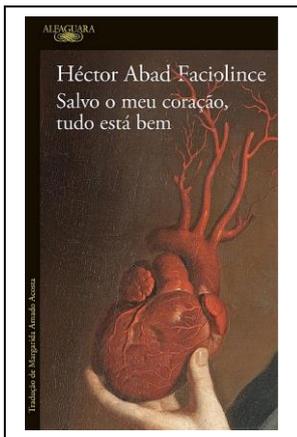
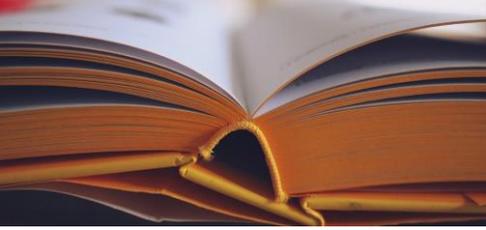


**[Salvo o Meu Coração, Tudo Está Bem]
[Héctor Abad Faciolince]****[Héctor Abad Faciolince] Biografia:**

Héctor Abad Faciolince nasceu em Medellín, na Colômbia, em 1958. Nesta cidade, estudou Medicina, Filosofia e Jornalismo. Expulso da Universidade Pontifícia Boliviana devido a um artigo irreverente contra o papa, viajou para Itália, onde se licenciou em Literaturas Modernas, na Universidade de Turim. Iniciou aí uma longa colaboração com a imprensa de vários países. Regressou à Colômbia em 1987. Nesse ano, após o assassinio do seu pai às mãos de paramilitares colombianos, foi alvo de ameaças de morte, decidindo refugiar-se novamente em Itália. Recebeu duas vezes, em 1998 e em 2006, o Prémio Nacional de Jornalismo Simón Bolívar (Colômbia). Além de ensaios, traduções e crítica literária, publicou, entre outros, os romances Tratado de culinaria para mujeres tristes, Basura (Prémio Casa de América de Narrativa Inovadora, Espanha), Angosta e Testamento involuntário. A sua obra-prima, Somos o esquecimento que seremos – publicada em 2006 e regressada às livrarias pela Alfaguara em 2023 - venceu o Prémio de Criação Literária da Casa da América Latina e o Prémio WOLA-Duke de Direitos Humanos; a passo que o filme baseado no livro, realizado por Fernando Trueba, foi galardoado com o prestigiado Prémio Goya para melhor filme ibero-americano e foi distinguido nos festivais de Cannes e San Sebastián. Salvo o meu coração, tudo está bem é o seu segundo romance na Alfaguara. A sua obra está traduzida em mais de uma dezena de línguas.

Sinopse de [Salvo o Meu Coração, Tudo Está Bem]

«Talvez ele não quisesse um coração alheio apenas para continuar a viver, mas também um coração alheio para começar uma segunda vida.»
No centro desta história, está um homem que aguarda um transplante de coração. Luis Córdoba é um padre amável, culto, corpulento, com um coração que mal lhe cabe no peito: a sua fisionomia é um obstáculo a que encontre facilmente um dador compatível. Por precisar de repouso e não estar capaz de viver sozinho, Córdoba hospeda-se numa casa onde moram duas mulheres e os seus três filhos. Devoto da ópera e do cinema, vai partilhando o que sabe com as mulheres e as crianças, pintando de música e imagens as paredes da casa. Ao ritmo do batimento preguiçoso do seu coração, deixa-se enredar na vida familiar e nas rotinas domésticas, e quando dá conta está a desempenhar um papel que nunca concebeu. Enlevado por sentimentos que até então desconhecia, cedo começa a repensar as suas escolhas e as suas crenças. Num puro limbo, a crise existencial do padre bondoso, rodeado de mulheres-coragem e de uma galeria de personagens menos recomendáveis, serve para dissecar com lente cirúrgica a instituição do casamento: como numa fortaleza sitiada, quem está dentro quer sair, quem está fora quer entrar. De um dos mais estimados autores colombianos deste século, chegamos uma narrativa comovente, plena de ironia e acutilância, que sublima o poder do otimismo, da arte e do amor no meio de um mundo hostil. Já dizia o Padre Córdoba: «O que é verdadeiramente misterioso não é a doença ou o mal, mas a saúde, a bondade e a beleza.»



O escritor colombiano Héctor Abad Faciolince diz que tem pouca imaginação, mas o seu novo romance prova o contrário

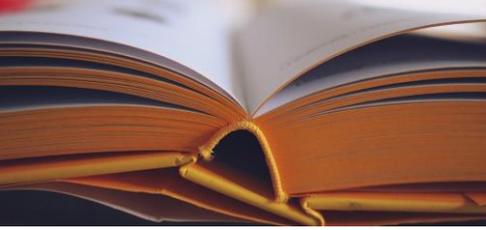
Quem é operado ao coração perde todas as certezas

Héctor Abad Faciolince regressa com um romance que alterou em muito ao sobreviver

[João Céu e Silva](#) / Diário de Notícias

Publicado a: 11 Nov 2024, 00:28

É um dos romances mais interessantes, mais bem elaborados, muito consistente e com uma narrativa que cola o leitor às suas trezentas e cinquenta páginas sem que se possa afastar. O título é *Salvo o meu coração tudo está bem* e o autor Héctor Abad Faciolince. Um escritor colombiano que, sem trazer ecos do realismo mágico de Gabriel García Márquez, impregna este romance de uma escrita em que uma sucessão de situações muito bem entrelaçadas confirma a tese de que uma história bem contada vale um livro. Mesmo que o autor negue essa capacidade de absorver o leitor e se considere parco de imaginação. Aliás, quem o ouvir falar até será capaz de pôr em dúvida uma genialidade narrativa que já vem de outros romances, como o *Somos o esquecimento que seremos*, um livro que o persegue e do qual muitos leitores se maravilharam ao ponto de se



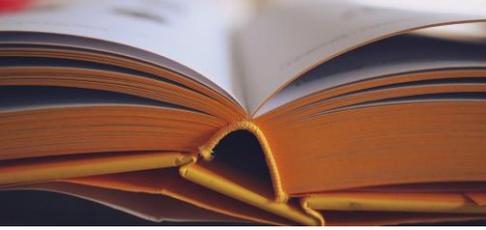
recusarem a ler outros títulos de Faciolince, de forma a manterem o encanto pelo autor através dessa única obra.

A história é simples e vem resumida na contracapa: “Um homem que aguarda um transplante de coração. Luis Córdoba é um padre amável, culto, corpulento, com um coração que mal lhe cabe no peito.” O texto desvenda ainda que o padre se vai hospedar numa casa sem escadas que o cansem, onde vivem duas mulheres e os seus três filhos. E revela outras situações que se vão ignorar por agora; é preferível ouvi-las da boca do escritor, que esteve recentemente em Lisboa e falou de *Salvo o meu coração tudo está bem*.

Quando se pergunta como tem paciência para inventar tantas histórias que caibam num livro como as que fazem este, responde que “não foi difícil porque foi um livro escrito durante a pandemia e o confinamento fez com que quase todos se sentissem ameaçados de morte, o que é o motor deste livro. Não é um vírus neste caso, mas a ausência de um coração para lhe ser transplantado e o destino ser a morte.” A palavra “paciência” tem um sentido verdadeiro, como se vê pelo que dirá: “Perdi a paciência com o livro que estava a escrever, mais político, sobre Pablo Escobar e a perseguição de jornalistas do jornal em que trabalho, e surgiu esta ideia sobre algo que me estava muito distante: a vida dos padres. Então, quis saber como era e nasceu este romance.”

Apesar de não o referir de imediato, Faciolince tem consciência de que o assunto coração não veio do nada: “É verdade que não dominava a vida religiosa, nem o cinema e a ópera e a música clássica, que estão muito presentes, principalmente o da doença. Isso não me impediu de que sendo muito ignorante nesses temas não me tivesse transformado numa esponja capaz de absorver dos entendidos o que precisava. No fundo, é uma espécie de tradução dessas matérias desconhecidas para leitores tão ignorantes como eu de forma que entendam o que não parece interessante e que serão os temas principais deste romance.” O escritor confessa que essa investigação foi feita junto de amigos que dominam esses assuntos: “Todos me deram lições que eu transformei em literatura.”

Qual a razão para destacar o coração, insiste-se. Faciolince rapidamente revela a razão que até aí mantivera afastada, como se fosse um segredo que queria de fora: “Tradicionalmente, o coração é o órgão considerado o mais espiritual do corpo, quase imaterial, desde os tempos em que não era dada tanta importância ao cérebro. Antigamente, dava-se ao coração várias propriedades: a memória, o sentimento, o amor e a vida. No caso deste romance o que o coração representa é a mais pura corporalidade de um homem que renunciou ao seu corpo para ser casto, só alma, com poucos prazeres – a comida, a música, o cinema –, só que pouco a pouco dá-se conta de que a carne, o contato, a carícia, são muito importantes para dar razão à vida. No final, a



máquina que mantém as pessoas vivas está longe de ser apenas um órgão hidráulico para representar o que somos em todos os aspetos.”

Héctor Abad Faciolince ainda evita referir a sua experiência pessoal que, decerto, terá facilitado o desenvolver do assunto coração. Até que diz: “Quando nos operam ao coração, todas as certezas desaparecem e não somos nada.” Essa foi também uma situação que aconteceu ao autor: “Comecei a escrever o romance quando soube que tinha um sopro no coração, uma coisa banal, mas conforme o livro ia avançando a doença foi-se agravando, e quando já ia muito avançado ouvi o ultimato: «Temos de o operar ou morre». Então, pensei que também poderia morrer na operação, e decidi avançar no romance o máximo possível e acabei por ter tempo para terminar e enviar à minha agente. Disse-lhe que se morresse era o que deveria ser entregue às editoras para publicar. Sobrevivi, tive essa experiência, e a partir daí pude entender o meu protagonista com outra capacidade. Então, quando ressuscitei, mudei várias partes do romance.”

Salvo o meu coração tudo está bem não é um romance apenas autobiográfico, mas muitas das sensações que viveu com a aproximação da operação a que foi sujeito alteraram a primeira narrativa e resultaram na leitura sôfrega que obriga o leitor a fazer. Perante a hipótese de morrer na operação, Faciolince garante que não teve medo: “O que senti foi tristeza por não continuar a viver. A vida, sendo dura, é muito bonita.” Regressa ao coração como órgão de sensações: “No coração humano existe o melhor e o pior, se não fizermos com que o primeiro vença, o que acontece é termos uma linha direta para o inferno.” Dá exemplos bem atuais: “Antes, os maus não podiam destruir o mundo totalmente, mas hoje sim, são capazes disso. Se Hitler tivesse bombas atómicas, tê-las-ia usado sem qualquer hesitação, daí que me assuste quando temos um Putin, um Netanyahu e um Kim Jong-un, que ao verem-se derrotados podem fazer qualquer loucura pois não se importam em destruir o mundo inteiro.”

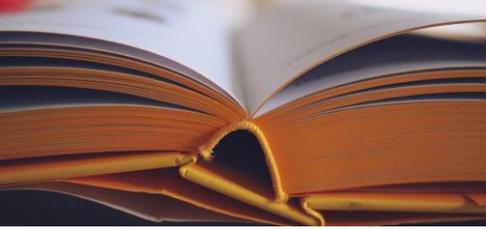
O romance dedica também muita atenção à situação da Igreja Católica através do protagonista. Elenca padres bons e outros que são maus e aponta uma igreja com defeitos numa crítica continuada, demonstrada no pano de fundo da narrativa. Para o escritor esta é uma realidade: “Creio que a hierarquia eclesiástica tem causado muitos danos, como foi o caso da invenção do celibato, que pode ter tido sentido no passado, mas atualmente apenas provoca dor aos padres - deveria ser voluntário. Além de que os altos representantes da Igreja, como se tem visto na Colômbia, nem sempre estão em sintonia com os bons valores sociais.”

Além do celibato dos padres, é a instituição do casamento o grande foco do romance, que se pode resumir numa frase: quem está num casamento quer sair, quem está fora quer entrar. Faciolince considera que é neste ponto que a história do livro se torna

muito autobiográfica: “Quando me separei da minha mulher e mãe dos meus filhos, um amigo nosso que era padre estava com um problema no coração. Ele foi viver lá para casa depois de eu sair e essa situação tornou-se muito literária, pois com o passar do tempo ele começa a ocupar o meu lugar na mesa das refeições, a substituir-me na relação com os que deixei para trás, e perguntava-me porque me tinha ido embora se toda a minha vida era boa, se tinha uma mulher maravilhosa, uns filhos belos e uma casa ótima. Enquanto esperava pelo transplante, disse-me várias vezes que se sobrevivesse deixava a vida religiosa e casava-se.” Este é também uma grande parte do enredo de *Salvo o meu coração tudo está bem*, que o autor reafirma ser muito autobiográfica nesta situação: “O que acontece com a família que recebe o padre e dentro da casa é que é a minha invenção, mas o cenário foi real.”

O que leva a perguntar sobre a sua fixação em histórias com muita autobiografia, como já acontecera com o seu pai no romance *Somos o esquecimento que seremos*, e que explica assim: “Eu não tenho muita imaginação, não sou muito culto, o que sei é escrever. Por isso, parto de histórias que conheço porque considero que a realidade pode ser muito literária. O que eu devo fazer é encontrar uma realidade vivida ou conhecida e a partir de uma situação que me parece literária, escrever uma história. E se tiver algumas lacunas, socorro-me dos meus amigos com memória e eles ajudam-me a preencher todos os vazios da narrativa. É assim que sou capaz de escrever os meus livros. No caso de *Somos o esquecimento*, o que parece ser a minha memória é antes a da minha mãe, dos meus irmãos e dos amigos do meu pai. Eles ajudaram-me a recordar e o segredo desse livro está no colocar na primeira pessoa aquilo que os outros se lembravam. A minha ficção era uma cópia das memórias dos que me rodeavam.” É fácil desmascarar Héctor Abad Faciolince no que respeita a esta falta de imaginação e quando se lhe diz que mente o escritor ri-se. Só não se diverte tanto quando se o acusa de ter escrito um final infeliz. Será um castigo de Deus para um padre que não se portou bem? Responde: “Não. Nunca sabemos quando um final é feliz ou infeliz, basta que a pessoa morra antes de uma tragédia e não sofra por causa dela.”





MÁXIMA

Héctor Abad Faciolince, escritor: “Ter estado doente é uma desgraça, mas para o livro é uma vantagem. Ajudou-me a ficar obcecado pelo coração”

É um dos nomes mais consagrados da geração de escritores atual na Colômbia. O escritor de 66 anos esteve em Portugal para apresentar o seu novo livro, "Salvo o Meu Coração, Tudo Está Bem" (Alfaguara Portugal).

20 de novembro de 2024 às 07:00 [Rita Silva Avelar](#)

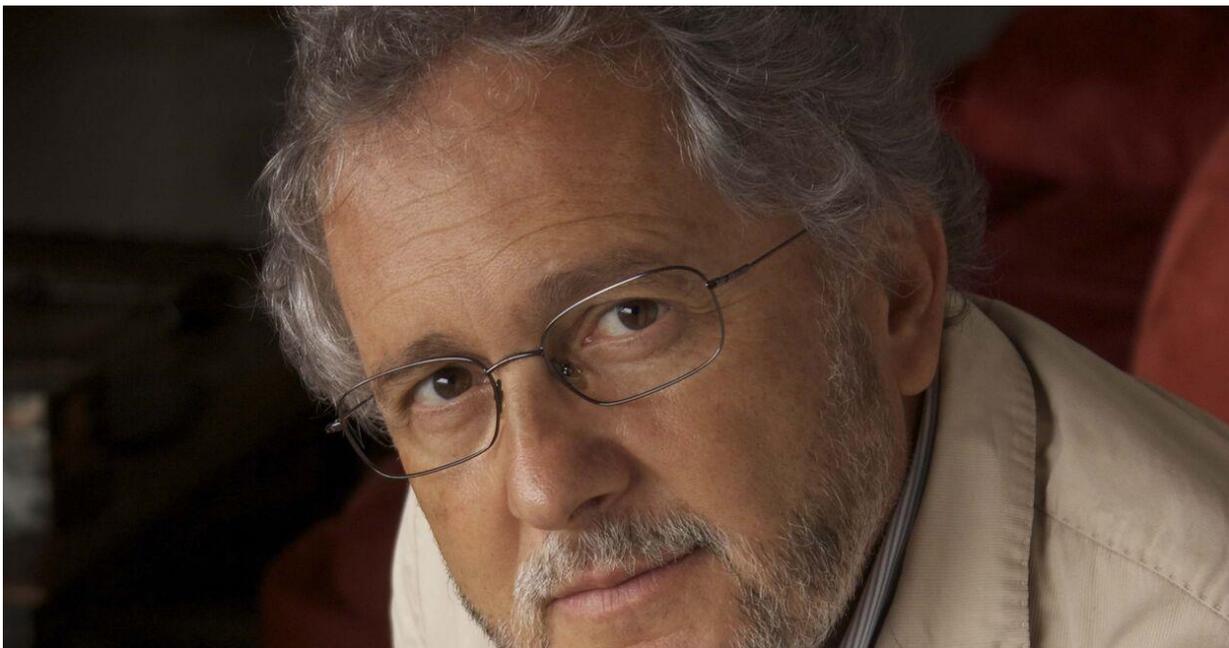


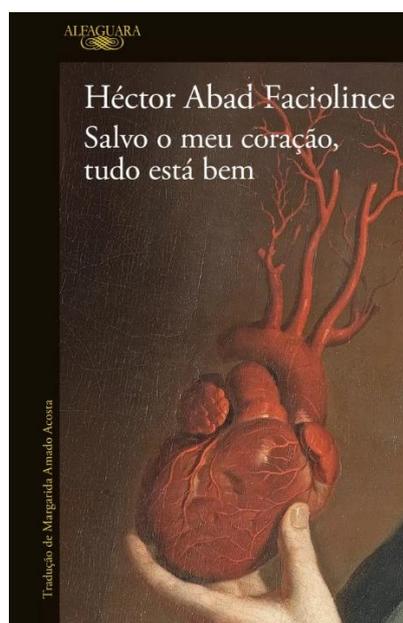
Foto: Daniela Abad

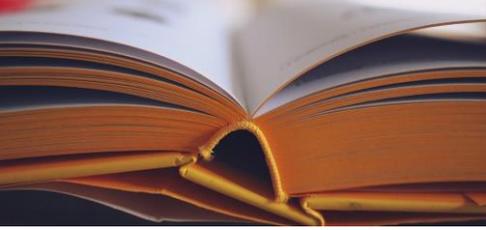
Lisboa recebe Héctor Abad Faciolince num dos seus primeiros dias de inverno, daqueles frios, com sol. **Encontramo-nos com o escritor antes do almoço, numa das artérias da Avenida da Liberdade, por onde nos conta que passeou durante as primeiras horas da manhã.** O motivo da visita é o novo livro, um romance inédito que parte de um episódio pessoal de saúde, que envolveu o seu internamento para um procedimento ao coração, mas que pega numa história do século passado cujo protagonista é um padre. **Além deste, passaram quase 20 anos desde a publicação do livro *Somos o esquecimento que seremos*, um testemunho poderoso que parte da morte do pai, assassinado na Colômbia em 1987,** depois de anos a lutar contra a pobreza e contra

desigualdade, e a defender a saúde pública e o sistema social naquele país. Um livro que marcou uma geração, e que já foi reeditado várias vezes, também em Portugal. **Apaixonado pela Literatura, Héctor Abad Faciolince fala com saudosismo da sua infância em Medellín** (para onde regressou há cerca de 10 anos, depois de uma longa temporada a viver em Itália, para abrir uma editora com a mulher) guiando-nos pelas influências que marcam a sua escrita. Há uma doçura na sua voz que nos embala – vamos perceber, durante a conversa, que a oralidade o encanta acima de todas as coisas – mas também uma paixão genuína pela vida que também se evidencia na sua particular forma de narrar: sempre perto ao coração.

Há um aspeto da sua formação que preciso de mencionar já: a extraordinária capacidade de ter estudado e de se ter formado em Medicina, Filosofia e Jornalismo. Como é que estas três áreas se alinham?

Na Colômbia, em particular, essa escolha é feita desde muito cedo, com cerca de 17 anos. Estava claro, para mim, que queria ser escritor, mas digamos que tenho uma personalidade muito sonhadora do lado do meu pai, e uma faceta muito realista do lado da minha mãe. Tal como o meu pai, sonhava ser escritor, mas queria, tal como a minha mãe, ter meios para viver. Sempre tive uma mente dispersa, curiosa, tudo me interessa – até temas tão específicos como a carpintaria – e acho que isso é bom para escrever romances. Interessar-me pela ciência, interessar-me pelas religiões, interessar-me pelo inventado, pelo fictício, pelo real... digamos que esta dispersão da minha mente me ajuda [na escrita]. Pelo menos, neste último livro, a Medicina está muito presente, a doença está muito presente, a curiosidade pelo funcionamento fisiológico do corpo. Bem, talvez Filosofia também me ajude. Estudei Filosofia porque vinha de uma escola onde toda a gente estudava direito, administração, carreiras muito tradicionais e eu queria ser muito diferente dos meus colegas.



**Como era a Medellín da sua infância e que recordações tem de ter crescido com um pai tão culto e alerta para o mundo, antes da desgraça?**

E já lia muito quando era criança. A melhor maneira de uma criança aprender a ler e a gostar de ler é algo que pode parecer paradoxal para alguns: a leitura não começa com os olhos, começa com os ouvidos. A melhor coisa que me aconteceu, e continuo a gostar muito, é terem-me lido livros, adoro que me leiam em voz alta, que me contem histórias de família. Penso que o romance é ciência. E o prazer de transformar palavras em imagens é algo que vem com isso. É algo que entra pelos ouvidos. E depois, quando nos habituamos a que a nossa mente processe as palavras e as transforme em imagens, quando aprendemos a ler, tudo é muito, muito fácil e é maravilhoso. E sim, em minha casa havia uma biblioteca muito grande e a grande felicidade do meu pai eram a música e os livros. Principalmente livros sobre Ciência ou História e Política, não tanto romances. Ele gostava muito de poesia e de aprender poemas de cor e de os recitar de cor, e isso é algo que eu também faço. Não rezo, mas decoro muitos poemas para quando não tenho nada para fazer e estou a andar na rua.

Sente-se um observador nato? Essa capacidade ajudou-o neste novo romance, cujo protagonista é um padre, ajuda-o a construir as suas personagens?

Sou um observador, mas um observador raro, muito distraído, não fico concentrado em nada, mas... Por estranho que isso pareça, gosto dessa distração. Digamos que, com toda a imprecisão do mundo, ao escrever, [sinto que] torno tudo mais concreto. Em particular, esta personagem é inspirada numa pessoa, um padre real e gordo, que estava à espera de um transplante de coração. Foi viver para uma casa onde havia uma mulher divorciada com dois filhos e uma empregada com uma rapariga. Será que tudo isto é real? Para mim, esta história, que é do século passado, sempre me pareceu muito estranha e muito bonita. Um padre entra numa família. Nunca viveu com uma família, exceto quando era criança. E ele entra numa família e acha maravilhoso estar lá. Torna-se a coisa mais rara da sua vida, a sua grande renúncia foi renunciar a ser pai, não no sentido de ser padre, mas no sentido de ser pai. Ele encontra lá [na casa] algo surpreendentemente belo. Também sei que ele gosta de música. Também sei que ele é um crítico de cinema, mas a partir daí, o que é que se passava na sua cabeça, o que é que se passava na sua relação com estas mulheres? Temos de inventar isto, digamos que um escritor tem de ter experiência de vida, mas também temos de a inventar. E se uma pessoa passou, sei lá, 30 anos sem ser tocada, posso imaginar como é, porque se alguém nos toca é uma coisa muito agradável. Imaginei que este padre que se dedicou às coisas espirituais, quando redescobre o seu corpo, quando é tocado, há como que uma explosão na sua vida, uma compreensão muito rara dela.



Foto: DR

É um escritor de método, ainda assim? Ou tudo flui sem grande norma?

Eu uso sempre um bloco de notas. Tenho sempre um caderno, costumo escrever à mão, por isso ando pela rua, ainda agora fui ao Largo das Amoreiras, escrevi lá [mostra-me as suas anotações]. Ali, naquela praça. Não sei se será útil para o livro que estou a escrever. Talvez sim, talvez não, mas eu escrevo em qualquer lado, não me importo com o barulho, não me importo com as ideias que vão e vêm e tenho muitas ideias. Por isso, gosto muito de passear, de ter o meu caderno e de escrever o que me vem à cabeça e talvez isso venha a fazer parte de um livro. Quase tudo o que se começa a pensar [sobre] converge para aquele livro, para aquela história. Mais do que um método, o que se pretende é alcançar uma ideia. É uma obsessão, uma obsessão absoluta, que esta história seja a nossa vida naquele momento, que estejamos realmente dentro da história, dentro destas personagens, que nos tornemos, por um momento, tudo o que lhes acontece. Neste livro era muito claro sobre o que eu estava a escrever: um transplante de coração, um padre com uma doença cardíaca – e eu tenho uma doença cardíaca. O meu coração começou a doer, comecei a ter problemas, cansava-me e doía-me. Diagnosticaram-me uma coisa chamada estenose aórtica. Fui operado ao coração e já tinha terminado o primeiro rascunho do livro, mas depois disse ao meu agente: ‘Bem, se eu morrer, publico este

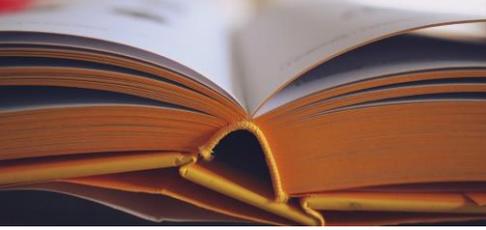
rascunho do livro, tento publicá-lo?' E se não morrer, vou usar esta experiência para acabar o livro e foi isso que aconteceu. A experiência extrema ajudou-me muito a compreender coisas como o que é entrar numa sala de operações, o que é ter o corpo arrefecido. Têm de parar o coração, têm de impedir que os pulmões entrem em colapso. Depois, tens frio, não palpitas, não respiras. Não pensas, não te lembras de nada. Portanto, estás um pouco morto. Isso é muito forte, é um pouco como aprender a estar morto. Assim, de certa forma, para compreender o que é um transplante e o que é um doente cardíaco, é preciso aprender a estar morto e, bem, ter estado doente é uma desgraça, mas para o livro é uma vantagem. Porque isso ajudou-me a ficar obcecado pelo coração.

O tema da religião esteve sempre muito presente na sua literatura e na sua vida, de uma forma muito particular. Chegou a ser expulso da Universidade Pontifícia Boliviana devido a um artigo irreverente contra o papa. Com esta vivência, voltou de algum modo a ela?

O meu pai era agnóstico e a minha mãe era muito, muito católica. E, em geral, as crianças ou todas as pessoas acabam por ser aquilo que aprendem em casa. Se crescerem num lar judeu, então são judeus. Se crescerem num lar muçulmano, são muçulmanos. Se crescerem num lar ateu, serão ateus. Por isso, não sei como estou. Eu sou como aquelas crianças bilingues que falam inglês e português ao mesmo tempo. Isto não significa que eu seja por vezes ateu e por vezes católico, pois não? Digamos que, no meu caso, o não crente ganha. Mas tenho sempre em mente tentar não perder a mentalidade da minha mãe: é por isso que este livro lhe é dedicado. Penso que nós, seres humanos, vivemos num mundo algo fantástico. Acreditamos em coisas estranhas, dizemos uma coisa horrível e depois afirmamos: "bate na madeira para que nada aconteça ao meu filho". Acreditamos, acreditamos em coisas.



Foto: DR

**Como vê a atuação de Gustavo Preto na Colômbia? Foi uma vitória da democracia? Diz-se que a Colômbia está a atravessar um período de prosperidade. Sente esperança numa verdadeira mudança?**

Digamos que na minha infância, nos anos 60, Medellín era muito melhor do que a cidade que é agora, e muito melhor do que a cidade dos anos 70 e 80, que era um inferno. Estamos melhor agora do que nos anos 70 e 80, quando Medellín era uma carnificina, quando era a cidade mais violenta do mundo. Mas isso não se deve a este Presidente, que tem a reputação de ser um Presidente de esquerda virado para o futuro. Penso que é um homem com muitos problemas psicológicos, muito perturbado psicologicamente, é um homem que desaparece de repente. Ele dá grandes festas, aparentemente, com drogas, com álcool, com prostitutas, tem um lado manipulador, uma dupla personalidade. Foi um bom senador, foi um bom homem da oposição, muito crítico, mas pensa que ainda está a viver na oposição. Não se apercebeu de que é Presidente da República. Ele é contra o sistema e ele é o sistema. Quando foi assinado o acordo de paz com a guerrilha, durante o governo de Santos, quando tudo parecia estar a melhorar, nessa altura eu também apostava na Colômbia. Com a minha mulher, abri uma pequena editora que ainda existe graças à esperança, e depusitei lá todas as minhas poupanças há 8 anos, sim, mas não o faria agora. Eu não confiaria no futuro próximo da Colômbia ou do mundo neste momento. Parece-me que o mundo está numa situação horrível devido a muitas circunstâncias, a invasão da Ucrânia. E agora o que se passa com Netanyahu, de Israel contra os palestinianos, a provável eleição de Trump [Trump foi, entretanto, eleito, como o escritor acreditava], que é realmente um fascista.

la perguntar-lhe sobre Trump, que critica abertamente os latino-americanos.

A América também tem uma alma dividida, no tempo de Hitler e dos nazis havia uma grande proporção de americanos que eram favoráveis, que eram pró-nazis, por exemplo, o famoso aviador Glan Linberg, que foi o primeiro a atravessar o Atlântico, era um grande admirador dos nazis. E Philip Roth, um grande escritor judeu, escreveu um romance chamado *The Plot Against The America*, em que imagina que um pró-nazi se torna Presidente dos Estados Unidos. Eu penso que estamos a viver algo semelhante. Este é um homem que despreza os judeus, mesmo que os convide, por exemplo, para o Madison Square Garden. Há também um rabino, no romance de Philip Roth, favorável aos neo-nazis, as suas afirmações são racistas. Supremacistas brancos contra os latinos, contra aqueles que ele considera não americanos, para ele – negros, imigrantes e aqueles que vêm de imigrantes não são americanos. Portanto, esta ideia ganhou força. Um país que tinha sido um exemplo de democracia para muitas partes do mundo vai cair nas mãos de uma pessoa que admira Putin, que admira Maduro, que diz que os seus generais se devem comportar como os generais de Hitler. Em suma, um homem, um agressor de mulheres, que diz ser religioso, mas que não tem qualquer espiritualidade. Penso que não poderíamos cair em piores mãos e estamos muito perto disso.

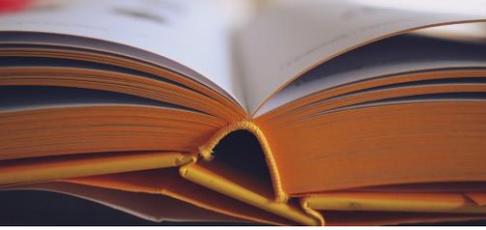


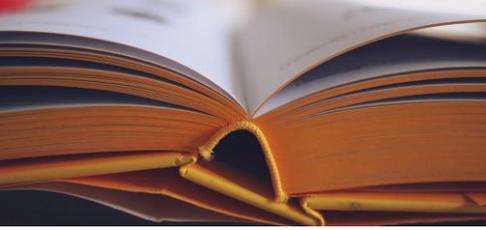
Foto: *Daniela Abad*

Há um lado da literatura, na arte, que nos salva um pouco?

É um ato de resistência contra a barbárie do mundo, contra a guerra e a violência. Acho que sim, acho que a arte, a literatura, a música, a pintura, o urbanismo, a defesa da beleza, são bastiões contra a barbárie. Temos de continuar a lutar para defender a arte e a beleza como um modo de vida. Um lugar onde uma ideia diferente da vida, uma ideia mais amorosa da vida, ainda resiste contra os bárbaros.

Tem em mãos uma nova obsessão, um novo livro?

Tenho uma obsessão que é fácil de explicar. Em junho do ano passado estive na Ucrânia, na Feira do Livro, a apresentar a tradução ucraniana deste livro. E também a apresentar um movimento a que pertenço de latino-americanos com a Ucrânia, que se chama *Hold on Ukraine*, e depois desta apresentação na Feira do Livro de Kiev estive com dois amigos colombianos, Sergio Jaramillo Caro, que foi o grande arquiteto do processo de paz na Colômbia, e uma jornalista de guerra, Catalina Gómez. A jornalista de guerra, que trabalhou em Gaza, no Médio Oriente, no Irão e agora na Ucrânia, acompanhou-nos e, no último momento, juntou-se a nós uma escritora ucraniana, Victoria Amelina, e fomos para leste, para a frente de batalha. Estivemos lá três dias porque Victoria estava a documentar os crimes de guerra russos. Foi uma viagem horrível, mas agradável ao mesmo tempo,



muito interessante, e no último dia fomos a uma pizzaria, a um restaurante que era o favorito de Victoria para lhe agradecer a sua companhia. Estávamos a pedir a nossa comida, nesse preciso momento o restaurante foi atingido por míssil russo. Mais de 90 pessoas ficaram feridas, morreram 13 pessoas, muitas crianças. E Victoria, que estava sentada à minha frente. Tivemos a sorte de estar no terraço e ninguém morreu no terraço, só morreu uma pessoa e foi a Victoria. Eu estava lá, vi tudo, a primeira coisa que pensei foi: "Eles mataram-nos, sim, eles mataram-nos". E depois, não sei, estava cheio de coisas que pareciam sangue, mas eu estava ileso, eu não tinha nada.

Isto deixou-lhe uma espécie de responsabilidade nas mãos, uma continuidade?

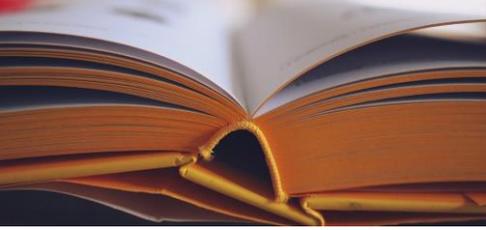
Sinto-me na obrigação de dar continuidade. Sim, de ser a voz que a Victoria já não tem, já não pode denunciar os crimes, e acho que devo ser eu a fazê-lo.

Teve oportunidade de aceder aos documentos que já tinha ou partiu daí para o trabalho?

Quando lá estivemos, eu ainda não a tinha lido, mas depois li um romance dela traduzido para espanhol. Li os seus ensaios, a sua poesia e o seu trabalho documental. Tenho acesso a esses documentos e digamos que não consigo fazer um trabalho tão minucioso como ela estava a fazer, porque ela o fez diretamente nos sítios, e eu já não posso voltar à Ucrânia. Não quero, tenho filhos, tenho mulher, tenho uma família, não sou capaz.

E também porque deve ter sido muito traumático.

Sim, por isso não posso documentar novos crimes russos porque não, não sou capaz. Não é esse o meu papel. Mas, pelo menos, posso escrever.



Entrevista Renascença

Sobreviveu a um míssil russo e está a escrever um livro para sarar as feridas

14 nov, 2024 - 08:00 • [Maria João Costa](#) /Renascença

O escritor Hector Abad Faciolince está a escrever um novo livro passado na Ucrânia. Numa altura em que lança em Portugal o romance “Salvo o meu coração, tudo está bem”, o autor colombiano revela que no livro que está a escrever quer dar voz à escritora ucraniana que morreu à sua frente num ataque russo.



"Foi horrível, uma menina da idade da minha filha, que deixou um filho órfão de 12 anos, tenha sido mortalmente ferida à minha frente". Maria João Costa

Hector Abad Faciolince levou 20 anos para escrever “Somos o Esquecimento que Seremos” (ed. Alfaguara), o seu livro de maior sucesso e onde lida com a morte do seu pai

que foi assassinado nas ruas de Medellín. Agora, está de novo a escrever sobre uma perda.

O autor de nacionalidade colombiana sobreviveu, a 27 de junho do ano passado, a um míssil russo que caiu num restaurante onde jantava com um grupo de amigos. O “inferno” que lhes caiu em cima tirou a vida à jovem escritora ucraniana Victoria Amelina.

Em Lisboa, onde esteve a promover o seu mais recente livro, “Salvo o meu Coração, tudo está bem” (ed. Alfaguara), o escritor explica que só escrevendo é que consegue lidar com uma memória tão traumática.

Embora o exercício de recordação seja “difícil”, [Hector Abad Faciolince](#) diz que quer “dar voz a Victoria Amelina” e “contar a história de um crime de guerra com o que os russos a mataram”.

Estamos aqui em Lisboa a fazer esta entrevista, porque está vivo. Sobreviveu a um ataque russo na Ucrânia no ano passado. Como é que tudo aconteceu?

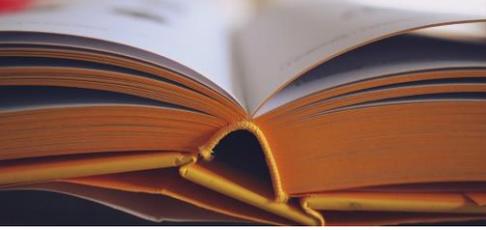
No ano passado, há cerca de um ano, apresentei, na Feira do Livro de Kiev o meu livro “Somos o Esquecimento que Seremos”, em ucraniano.

Eu pertença a um movimento que surgiu na Colômbia e na América Latina que se chama “Aguanta Ucrânia” e estava ali com uma jornalista de guerra colombiana Catalina Gómez e com o fundador deste movimento, o Sérgio Jaramillo. Eles disseram-me: “Vamos aproximar-nos um pouco mais da frente de guerra.”

Eu não queria ir, mas acabei por concordar, e fomos acompanhados por uma escritora ucraniana muito jovem, a Victoria Amelina, que tinha a idade da minha filha. Ambas tinham nascido em 1986, ano do desastre de Chernobyl. E ela acompanhou-nos para nos mostrar os locais de alguns dos piores crimes de guerra cometidos pelos invasores russos. E no último dia fomos a um restaurante de que ela gostava muito, na cidade de Kramatorsk - uma cidade gravemente atingida pela guerra.



Autoretrato de Faciolince após o ataque. Foto: DR

**Foi aí que foram atacados?**

Quando estávamos a começar a comer neste restaurante cheio de civis, caiu do céu o inferno. Caiu-nos em cima um míssil russo. Caiu sobre metade do teto do restaurante e desabou todo o telhado do restaurante.

Tivemos a sorte de estar na esplanada e não dentro. A grande maioria dos mortos e feridos ocorreu dentro do restaurante. Na esplanada houve apenas uma pessoa morta e foi a nossa amiga Victoria Amelina.

Para mim, foi muito duro. Foi horrível, e ainda é horrível que uma menina da idade da minha filha, que deixou um filho órfão de 12 anos, tenha sido mortalmente ferida à minha frente.

Como vê a situação da Ucrânia hoje?

Vejo muito mal. Agora milhares e milhares de soldados norte-coreanos estão a juntar-se para ajudar os russos na sua terrível invasão e destruição da Ucrânia.

O chefe supremo da Coreia do Norte, um país horrível onde as pessoas passam fome e não têm liberdade, esse chefe diz que a guerra de Putin contra a Ucrânia é uma guerra sagrada!

É, pelo contrário, uma guerra infame e criminosa. Agora os criminosos unem-se. Kim Jong-un e Putin estão juntos destruindo a Ucrânia. É muito difícil que a Ucrânia possa resistir. Está a resistir, por todos nós, e creio que o nosso dever é apoiá-la, sempre.

Há matéria literária em algo tão brutal na sua vida?

Quando algo assim tão incompreensível e estranho acontece, que um velho como eu, por exemplo, sobreviva no meio de muitas pessoas que morrem. Ver duas gémeas de 14 anos que estavam dentro do restaurante com o pai, a festejar as boas notas que tinham tirado, morrerem à frente do pai, e este sobreviver... Essas coisas horríveis que às vezes acontecem, de um pai sobreviver às suas filhas ou de um homem velho sobreviver a uma mulher mais jovem, embora eu esteja feliz por estar vivo, isso é estranho!

A única forma que tenho de tentar compreendê-lo, de explicá-lo a mim, e aos leitores, é escrevendo.

Todo este ano e meio tenho tentado escrever sobre essa experiência. É algo que me dá muito trabalho. É difícil para mim, porque me obriga a recordar. E há muitas coisas que eu gostaria de não ter presente na minha mente o tempo todo.

Então, uma maneira de também me poder afastar disso e de me curar intimamente é tentar escrevê-lo, para entendê-lo e também para dar voz a Victoria Amelina, que já não tem voz para contar a história de um crime de guerra com o que os russos a mataram.